



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

# CLIPPING

CLIPPING ELETRÔNICO  
<http://www.sed.rct-sc.br/clipping>

Recortes de notícias sobre educação

## Secretários falam de suas metas

*Balanço de governo. Planos e ações foram  
expostos durante visita à sede do grupo RIC*

Senhores Diretores, Gerentes e Assessores,

Comuniquem à Assessoria de Comunicação, com a devida antecedência, projetos, eventos e ações que mereçam divulgação pública.

Leiam as notícias da Secretaria de Estado da Educação, acessando ao site [www.sed.sc.gov.br](http://www.sed.sc.gov.br) e clicando em **IMPrensa**

Acompanhem também o site do governo: [www.sc.gov.br](http://www.sc.gov.br)

**Data: 12, 13 e 14/03/2011**



### CLIPPING

Veículo: Notícias do Dia	Editoria: Política	Data: 12e 13/0320/11
Assunto: Secretários falam de suas metas		Página: 12

# Secretários falam de suas metas

**Balanco de governo. Planos e ações foram expostos durante visita à sede do grupo RIC**

## Educação

O secretário da Educação, Marco Tebaldi, admitiu que a escola pública esta muito aquém do que dela se espera e longe de suprir as necessidades que o país precisa, além disso, criticou o fato de os administradores públicos matricularem os filhos em escolas particulares. "As nossas escolas (públicas) só serão boas quando os nossos filhos estiverem lá". Tebaldi falou do gigantismo do setor, com 1.308 escolas, 700 mil alunos e 38 mil servidores. "Só se transforma a sociedade com educação". O secretário promete investir em inovação pedagógica e no nível técnico. Falou também em criar o SOS Escola. Um programa de manutenção.





CLIPPING

Veículo: Nota 10	Editoria: Educação	Data: 14/03/11
Assunto: Estados têm verba para qualificação da educação de suas redes		Página: Online

**Estados têm verba para qualificação da educação de suas redes**

O programa Brasil Profissionalizado do Ministério da Educação (MEC) dispõe este ano de R\$ 320 milhões para investir na melhoria das redes estaduais de educação profissional em todo o país. Para receber os recursos, os estados e o Distrito Federal devem assinar convênios com o MEC. As verbas públicas são para reforma, ampliação, construção de escolas técnicas e aquisição de recursos pedagógicos.

O valor deste ano é superior ao de 2010 que foi de R\$ 263,4 milhões. Parte do orçamento do Brasil Profissionalizado de 2011 será utilizada para novos convênios com o Distrito Federal, Amazonas, Rio de Janeiro e Rondônia, unidades da Federação que ainda não aderiram ao programa.

Os 23 estados que já assinaram convênios com o MEC podem apresentar novas propostas à medida que executarem os recursos repassados que somam R\$ 1,5 bilhão. "A primeira meta é terminar as obras em andamento e consolidar as ações em curso", ressalta o secretário de Educação Profissional e Tecnológica, Eliezer Pacheco.

Das 176 escolas técnicas estaduais previstas para serem construídas com recursos do programa, 22 já foram entregues. Cada escola tem capacidade para atender, em média, 1,2 mil alunos.

Quando todas as escolas estiverem em pleno funcionamento serão geradas mais de 210 mil vagas, além daquelas que serão criadas pelas 532 obras de reforma e ampliação programadas. O objetivo é alcançar meio milhão de matrículas.



CLIPPING

Veículo: Notícias do Dia	Editoria: Política	Data: 12e 13/0320/11
Assunto: Senado		Página: 11

SENADO

# Paulo Bauer quer detalhes sobre Plano Nacional de Educação

**BRASÍLIA** — O senador Paulo Bauer (PSDB) pediu ao Ministério da Educação explicações acerca do novo PNE (Plano Nacional de Educação), projeto a ser avaliado pelo Congresso para nortear a educação brasileira na próxima década. Ele criticou o fato de o texto, que está tramitando na Câmara dos Deputados, não trazer informações a respeito dos avanços e fracassos do plano anteriormente em vigor, aprovado ainda em 2001. O projeto estabelece as diretrizes e

**Metas do governo. O senador Paulo Bauer também questiona por que o PNE anterior buscava atingir 295 objetivos, e o atual persegue apenas 20**

metas para a educação no período de 2011 a 2020, como a universalização, até 2016, do atendimento escolar para crianças de quatro e cinco anos, ou seja, a pré-escola; a erradicação do analfabetismo absoluto até 2020 e a redução pela metade da taxa de analfabetismo funcional; além do aumento, em duas vezes, do número de matrículas na educação profissional de nível médio; entre outras. “Como o PNE anterior tinha metas estabelecidas a partir de um diagnós-

tico feito na ocasião de sua formulação, com a realidade da época, é necessário fazer uma avaliação para ver quais metas foram atingidas, ultrapassadas ou não alcançadas, para então, com base nos acertos e erros, votarmos o outro plano que vigorará por mais dez anos”, explicou. Exemplo desses objetivos, expostos no texto de 2001, são a garantia do ensino fundamental a todas as crianças e de ensino integral às camadas mais carentes da população.

**Crítico. Ex-secretário estadual da Educação, Bauer quer esclarecimentos**



**CLIPPING**

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Geral	Data: 14/03/2011
Assunto: MEC divulga segunda chamada da 2a etapa		Página: 23

**MEC divulga segunda chamada da 2a etapa**

Foi divulgada ontem a lista dos pré-selecionados na segunda chamada da 2a etapa de inscrições do Programa Universidade para Todos (ProUni). A consulta ao resultado poderá ser feita no <http://siteprouni.mec.gov.br/index.html>.

O prazo dos pré-selecionados para comparecer às instituições de ensino e comprovar as informações declaradas na inscrição começa hoje e vai até quinta-feira, segundo o Ministério da Educação (MEC).



### CLIPPING

Veículo: G1	Editoria: Educação	Data: 14/03/2011
Assunto: Começa entrega de documentos de selecionados na 2ª lista do ProUni		Página: online

## **Começa entrega de documentos de selecionados na 2ª lista do ProUni** Prazo vai até quinta-feira (17). Lista de candidatos foi divulgada neste domingo (13).

Começa nesta segunda-feira (14) o prazo para os pré-selecionados para bolsas do Programa Universidade para Todos (ProUni) comparecerem às instituições de ensino superior onde concorrem à vaga e comprovarem as informações declaradas na inscrição. O prazo termina na quinta-feira (17).

A lista de pré-selecionados foi divulgada neste domingo (13) pelo Ministério da Educação. Os candidatos podem consultar o resultado no site do programa ([link para a página do ProUni](#)).

Ao final das duas chamadas, os candidatos ainda não pré-selecionados ou que tenham sido pré-selecionados para cursos em que não houve formação de turma, constarão em uma lista de espera disponível para consulta nas instituições de ensino a partir do dia 21 deste mês.

A classificação do candidato vai considerar a primeira opção de inscrição. Caso não tenha ocorrido formação de turma nessa primeira opção, a classificação se dará na opção seguinte, até a terceira.

A partir da classificação na lista de espera, as instituições de educação superior convocarão os estudantes para verificar as informações prestadas na inscrição. Esse prazo será de 21 e 25 de março. O candidato não precisa confirmar seu interesse em participar da lista.



### CLIPPING

Veículo: A Notícia	Editoria: AN.estado	Data: 14/03/2011
Assunto: Hoje é dia de volta às aulas na UFSC		Página: 13

## EDUCAÇÃO

### Hoje é dia de volta às aulas na UFSC

As aulas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) retornam hoje nos campi de Florianópolis, Araranguá, Curitibanos e Joinville para os cerca de 19 mil alunos e com a chegada de 2.909 calouros. Para eles, haverá uma recepção no Centro de Eventos, pela manhã e à noite. Também será lançada uma cartilha de prevenção à violência em trotes universitários.

Na Capital, a recepção dos novos estudantes terá a presença do reitor Alvaro Toubes Prata e do vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva. Também será feita a premiação dos melhores colocados no Vestibular 2011.

A cartilha de prevenção às violências sexistas, homofóbicas e racistas nos trotes universitários também será lançada hoje, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Com o lema “trote é para brincar, não para maltratar”, a obra traz ilustrações e textos didáticos, incentivam o trote solidário e as confraternizações. A participação obrigatória em qualquer dessas brincadeiras também é condenada pela publicação.

Cerca de 20 alunos de graduação, mestrado e doutorado ajudaram a fazer a cartilha, contando com ajuda de estudantes do segundo ano do ensino médio de escolas públicas. A publicação, de acordo com a professora Miriam Pillar Grossi, tem como objetivo alertar os alunos sobre o problema de trotes violentos, preconceituosos e discriminatórios.



### CLIPPING

Veículo: Notícias do Dia	Editoria: Educação	Data 14/03/2011
Assunto: UFSC recepciona quase 3.000 calouros		Página: online

#### **UFSC recepciona quase 3.000 calouros**

Show com a dupla Luiz Martins (violinista) e Isa Martins (cantora) recebe estudantes com música e animação

Os calouros do primeiro semestre de 2011 serão recepcionados às 10h30 dessa segunda-feira (14), no auditório do Centro de Eventos da Universidade Federal de Santa Catarina, pela administração da instituição. Estarão presentes o reitor Alvaro Toubes Prata, o vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva, pró-reitores e secretários da UFSC, que receberão 2.345 novos estudantes que passam a fazer parte da instituição. A solenidade será repetida às 19h, no mesmo local, para acolher outros 564 alunos dos cursos noturnos da Universidade.

Além da parte oficial, haverá show com a dupla Luiz Martins (violinista) e Isa Martins (cantora) para receber os calouros com música e animação. O professor Sarafel Salles, do Colégio de Aplicação, fará uma apresentação bem humorada da instituição aos novos acadêmicos. Também será feita a premiação dos melhores colocados no Vestibular 2011. Nas duas sessões, haverá a distribuição do mapa atualizado da UFSC, do Jornal Universitário e de materiais informativos sobre a Universidade.

Nos campi de Joinville, Curitibanos e Araranguá, as respectivas direções também farão a recepção aos novos alunos, com a presença do reitor Alvaro Prata ou representantes da administração central da UFSC





### CLIPPING

Veículo: A Notícia	Editoria: Cláudio Prisco	Data: 14/03/2011
Assunto: Diversos		Página: 18

#### GOVERNADOR EM JOINVILLE

Raimundo Colombo confirmou presença na reunião semanal da Associação Empresarial de Joinville, prevista para a noite de hoje. Estará acompanhado do presidente da Celesc, Antonio Gavazzoni. A reivindicação da Acij converge para uma nova subestação, capaz de fazer frente aos investimentos dos últimos anos.

O senador Luiz Henrique também marcará presença, assim como todos os integrantes de Joinville no governo do Estado, com destaque para os secretários Alexandre Fernandes (Relações Internacionais) e Romualdo França (indicado para a Regional de Joinville), além do diretor da Celesc, Cleverson Siewert.

De Joinville, LHS segue para Brasília, onde amanhã participará da primeira reunião da comissão da reforma política. O senador catarinense pretende apresentar três propostas: financiamento público e exclusivo de campanha, lista fechada para as candidaturas proporcionais e mandato de seis anos, inclusive para senadores, com eleições gerais de vereador a presidente, sem direito à reeleição para os cargos do Executivo



**CLIPPING**

Veículo: A Notícia	Editoria: AN,portal	Data: 13/03/2011
Assunto: Quando pequeno		Página: 2

Quando pequeno

---

Marco Tebaldi diz que só concorre em último caso – o que será “em último caso”? O PSDB concorreu pela primeira vez à Prefeitura com João Gaspar Rosa em 1989. O ex-vereador ficou em quinto na eleição vencida por Luiz Gomes. Na eleição seguinte, os tucanos ficaram em sexto, com Luiz Alberto Souza de Carvalho. Clóvis Dobner seria o quinto em 1996. Nos anos 2000, o PSDB viraria grande.

---

Marco Tebaldi foi o vice de LHS e ficou com o cargo em abril de 2002, com a renúncia do peemedebista para concorrer ao Estado. Tebaldi foi reeleito em 2004 e o PSDB se transformou no partido com mais filiados em Joinville. Fruto da tática de buscar gente rua a rua e do poder da máquina. Na eleição de 2008, o PSDB preferiu apoiar o DEM e foi derrotado, perdendo filiados. Agora em 2012, jura que volta a ter candidato próprio.



### CLIPPING

Veículo: O Estado de São Paulo	Editoria: Educação	Data: 14/03/2011
Assunto: Estados do Norte e Nordeste aderem a ensino por satélite		Página: online

## Estados do Norte e Nordeste aderem a ensino por satélite

Sistema de aulas a distância usa tecnologia de transmissão de dados via internet; modelo beneficia municípios que não têm professores

Após 30 minutos, dos 50 previstos para a aula, o professor do ensino médio conclui a explanação e estimula os estudantes a formular perguntas. Ele está em Manaus (AM), em uma espécie de estúdio de TV. Seus alunos, quase 3 mil naquele momento, estão em 320 salas de aula em todos os 62 municípios amazônicos. A quantidade de perguntas, porém, parece baixa, levando-se em conta a multidão: cinco.

"Em geral, as dúvidas sobre algum tema são as mesmas", explica o empresário Eduardo Giraldez, inventor do software que permite a realização de aulas para tal quantidade de alunos e locais ao mesmo tempo. Uma tecnologia que custou pouco mais de R\$ 10 milhões desde o início do desenvolvimento, há uma década, e tem promovido uma pequena revolução na educação em municípios do Norte e do Nordeste onde não havia aulas, principalmente por falta de professores.

Ao todo, cerca de 300 mil alunos integram o modelo de ensino por intermediação tecnológica desenvolvido por Giraldez.

#### Leia também:

- **No Amazonas, fim das caminhadas para assistir aula**

- **Tecnologia chega antes de celular em vilarejo baiano**

As aulas são transmitidas em tempo real, por pacotes de dados distribuídos pela internet via satélite, como em uma transmissão televisiva. A principal diferença está na possibilidade de interação, ao vivo, entre professor e alunos.

Cada uma das salas de aula está equipada com um kit composto por Antena VSAT bidirecional, roteador-receptor de satélite, cabeamento estruturado (LAN), microcomputador, webcam com microfone embutido, TV LCD 37 polegadas, impressora a laser e no-break. Nas comunidades, em cada sala, há um professor auxiliar durante todas as aulas.

O maior problema da operação, segundo professores e mediadores, tem relação direta com a tecnologia utilizada. Como a transmissão de dados é feita via satélite, em caso de chuva ou ventos fortes, a conexão pode cair - na Bahia, as situações são mais frequentes entre abril e agosto.

Estados com comunidades remotas são beneficiados, como o Amazonas. Inicialmente contratado para expandir a rede de alunos do ensino médio em 2007, o sistema já



absorve estudantes de 6.<sup>a</sup> a 8.<sup>a</sup> séries do ensino fundamental e universitários. Este ano, serão oferecidos cursos à distância extracurriculares, de fotografia e música.

A segunda operação foi iniciada na Bahia em 2008, também com foco no ensino médio. A primeira turma iniciou as aulas em 2009 e vai concluir o curso no fim do ano. No ano passado, Maranhão e Roraima também adotaram a tecnologia. O primeiro Estado montou, em 2010, um programa específico para alunos do 3.º ano do ensino médio e promoveu capacitação de professores. Este ano, inicia o projeto de formação de estudantes de todo o ensino médio.

Giraldez, porém, afirma já ter recebido críticas sobre o programa. "Já alegaram que nossa tecnologia está tirando postos de trabalho de professores", afirma. "Isso não é verdade. Só no ensino médio brasileiro, há um déficit de cerca de 270 mil professores. A tecnologia está levando aulas a lugares onde elas não ocorreriam tão cedo. Talvez nunca", assegura. / **COLABOROU LIÈGE ALBUQUERQUE, DE MANAUS**



### CLIPPING

Veículo: O Estado de São Paulo	Editoria: Educação	Data: 13/03/2011
Assunto: Estados do Norte e Nordeste aderem a ensino por satélite		Página: online

## "Professor deve agregar valor à tecnologia"

Diego Leal, consultor de ensino

A caminho do Brasil para participar de um congresso sobre redes sociais aplicadas à educação, o consultor colombiano Diego Leal diz que o primeiro passo para que professores e escolas aproveitem melhor o potencial da tecnologia é reconhecer que o conhecimento não reside em apenas uma pessoa. O objetivo é, portanto, fortalecer cada um dos nós da rede. Mas Leal não acredita que essa nova estrutura ameace o papel do docente, que deve encontrar formas criativas de agregar valor às práticas tecnológicas dos seus alunos.

Como a conexão por redes sociais pode melhorar o processo educativo?

Cabe primeiro pensar o que significa conexão por redes sociais. Há ferramentas na internet e softwares que permitem levar a um nível diferente as redes sociais que já existem, mas os seres humanos vivem em redes sociais; não foi a tecnologia que inventou isso, ela só potencializou. Fazer uso das redes pode melhorar o ensino na medida que se reconheçam que processos essas redes potencializam e se identifiquem formas de as articular com o processo formal de aprendizagem. Tem de se pensar o indivíduo dentro de uma rede e as interações que se podem estabelecer entre os indivíduos, algo que vá além de um trabalho em grupo com papéis definidos. Mas, além de explorar a rede social presencial, pode-se pensar em usar a rede social de forma ampliada, que se faz possível com a tecnologia. Uma das implicações é que cada pessoa pode ficar mais próxima de outras com interesses semelhantes, algo que na rede local é mais complicado. Isso cria um potencial enorme para o processo educativo, mas não gosto de falar em melhorá-lo e sim em complementá-lo, abrir novas possibilidades.

Pode citar exemplos de bom uso das redes?

Na Colômbia há muito tempo colégios adotam os sociogramas para acompanhar a aprendizagem de cada estudante. Sociograma é o mapeamento das redes sociais dos alunos, a que grupos pertencem e como caminham ao longo do tempo. Agora, falando das novas tecnologias, é importante precisar o contexto. Há grupos que usam a internet de maneira muito efetiva para, por exemplo, promover a anorexia - o que muitos não classificariam como um bom uso. No contexto educativo, um exemplo interessante são os cursos abertos online, que se desenvolvem na rede de forma aberta - e não em sistemas fechados - e promovem práticas que caracterizam o conhecimento em rede. Não se trata simplesmente de casos de docentes - e há muitos - que usam o Facebook ou o Twitter para apoiar seu processo de ensino. Temos de aproveitar todo o ecossistema de informação atual para desenvolver formas de interagir. Minha sensação é que poderíamos fazer muito mais das plataformas de redes sociais.



Na prática, a tecnologia e as redes estão promovendo melhorias na educação?

De certa forma, sim, há muitos exemplos interessantes ao redor do planeta. Mas de novo o contexto é importante: há que se diferenciar o nível de impacto que se pode ter em sociedades altamente conectadas e em outros lugares onde o acesso não é tão fácil. Do ponto de vista acadêmico, há estudos que sugerem que o impacto da informática ainda é marginal, e outros que dizem que ela impacta, sim. Não há resposta definitiva, ainda é uma incógnita. O certo é que o uso da tecnologia e o pensar nessas redes sociais abre um potencial que, para o bem ou para o mal, ainda não está sendo totalmente aproveitado. Sinto que às vezes nos concentramos em perguntar como podemos ser mais efetivos ensinando e não nos perguntamos como podemos tornar mais eficiente o processo de aprendizagem dos estudantes.

E isso faz muito diferença?

Essas perguntas conduzem a ações diferentes. Quando se preocupa em ensinar melhor, o resultado costuma ser com coisas transmissíveis, como comunico com outros meios as informações que comunicava antes frente a uma classe normal. Nessa medida, a tecnologia termina subutilizada. Alguns usos das redes ficam centrados em uma única pessoa. Uma perspectiva mais comprometida de uso de redes sociais tem de levar em conta que o conhecimento não reside em uma única pessoa e o fortalecimento de cada um dos nós dessa rede é crítico para que todo o conhecimento latente se consolide.

O sr. acredita que depois de tantos anos de existência da internet, há uma decepção em relação à sua aplicação ao ensino?

Não sei se há uma decepção, mas vejo que a velocidade da mudança é muito mais lenta do que se imaginava. Quando apareceram os computadores pessoais, nos anos 1980, eles geraram uma expectativa de que iriam transformar totalmente o que estávamos fazendo em sala de aula. Depois aparece a internet, com um novo potencial, e depois as ferramentas que facilitam a publicação de informações. Parece sempre que isso vai mudar muitíssimo as coisas. É ingênuo acreditar que não houve impacto, mas ainda é um impacto um tanto marginal. A maneira como a informação flui, como se propagam as redes humanas e como se transformam as práticas é muito mais complexa e lenta do que se imaginava inicialmente. Para alguns há certa frustração, mas vejo sobretudo uma tomada de consciência cada vez mais forte da complexidade inerente ao problema. Mesmo onde há acesso, o uso segue sendo exatamente o mesmo.

Por que ainda é difícil que as oportunidades da tecnologia se traduzam em verdadeiras mudanças educativas?

Com muita frequência os projetos têm um discurso interessante e sofisticado - do ponto de vista político, educativo, institucional. Fala-se em mudanças, inovações, conectividade. Quando se vai observar a prática real, essas coisas não estão refletidas. Há um abismo entre discurso e a prática. Um dos fatores que dificulta o processo é que somos humanos e nos acostumados a fazer as coisas de certa forma. Depois que nos acostumamos, às vezes não conseguimos nos perguntar se há outras formas de fazer. Pessoalmente costumo me perguntar sempre o que aconteceria se estivesse equivocado. É uma pergunta que me ajuda, porque significa que há possibilidades melhores e me faz pensar em mudanças na prática. Aí está o núcleo do assunto: é a



transformação na prática que leva a uma mudança no processo educativo, mas essa é justamente a transformação mais difícil. Ainda nos faltam experiências que sugiram formas de gerar mudanças de perspectiva na cabeça de uma pessoa.

Falta preparo por parte dos professores?

Quando se fala de tecnologia na educação, fala-se muito em formação dos docentes. Mas o curioso é que grande parte dessa formação do docente é feita de forma completamente convencional, usando as mesmas estratégias de comunicação de conhecimento e deixando de lado o potencial não só da própria tecnologia, como de outras perspectivas das redes sociais. Muitas das propostas de formação são boas, planejam coisas interessantes, mas na prática representam modelos que não abrem aos docentes em formação outras possibilidades. Também faltam experimentações nesse sentido.

Em que medida as redes virtuais ameaçam o papel do docente e das instituições de ensino?

Como costumava dizer sir Arthur C. Clarke (escritor britânico), se um professor pode ser substituído pela tecnologia, então deve sê-lo. É um princípio duro, mas faz sentido. Se um professor não está agregando valor ao que pode fazer a tecnologia, não há dúvidas de que seu papel está ameaçado. A tecnologia abre possibilidades que obrigam a repensar nosso papel como docentes e obviamente provocam perguntas sobre o papel das instituições de ensino. Mas se de um lado ela pode ver vista como ameaça, também pode ser uma oportunidade - prefiro ver assim. Vê-la como ameaça significa defender o que existe sem perguntar se o que temos no momento é o melhor.

Mas a troca aberta de conhecimento não pode de fato substituir professores e escolas?

Não acredito que exista uma ameaça de fundo. As instituições educativas são resistentes, acabam absorvendo as inovações que parecem disruptivas e as encaixam na prática tradicional (algo que tem relação com a resposta da decepção). Jogando com o futuro, algo que não gosto muito de fazer, não diria que exista em curto prazo uma ameaça latente e tangível. Em longo prazo, é provável a aparição de mecanismos alternativos aos sistemas formais. A medida que apareçam, teremos de repensar o papel do ensino tradicional, e isso inclui instituições e docentes. Vejo que a conectividade e a participação nas redes constituem uma oportunidade para repensar o papel do docente, de imaginar como fazer de forma mais efetiva coisas que não fazíamos tão facilmente, de descobrir coisas novas, que antes não podíamos.

E como fazer para que as redes sociais não sejam apenas fonte de diversão?

Estudos sugerem que o uso primordial tem a ver com o entretenimento, mas faltam dados sobre o contexto. Com isso dito, temo que exista a generalização de que a maioria dos estudantes está usando essas ferramentas apenas como diversão. Mas existem nas redes sociais muitos temas não exatamente acadêmicos, mas intelectuais, de interesses específicos. Como fazer com que essas práticas sejam mais comuns? É um problema muito similar ao da leitura, de como fazer com que as crianças leiam mais. Temos de observar as práticas reais e descobrir até que ponto elas têm a ver com diversão e até que ponto há um aproveitamento de aprendizado. Agora, se colocarmos essas redes no contexto do sistema educativo, há uma oportunidade enorme de



aproveitá-las para que os estudantes desenvolvam seus próprios interesses. Isso não tem a ver só com tecnologia, mas com metodologia, o enfoque nas instituições. Essas transformações de práticas são mais complexas do que gostaríamos. E em muitos casos precisam de um respaldo institucional que não temos. Como docentes, temos de ser muito criativos, mas para isso temos de ser usuários dessas coisas. Temos uma enorme responsabilidade de exemplificar para os estudantes formas de usar essas ferramentas. É difícil eles se entusiasmarem se não estivermos entusiasmados. E contamos com nossos jovens para imaginar o que pode ser feito. São atores muito importantes. Como docentes, temos de manter a mente aberta, para complementar o que essas crianças e jovens já estão fazendo com a tecnologia.

### QUEM É

Formado e pós-graduado em Engenharia da Computação, o colombiano Diego Ernesto Leal Fonseca trabalha há quase 20 anos com projetos de utilização de tecnologia na educação. É assessor do Ministério da Educação da Colômbia e também atua como professor na Universidad Pontificia Bolivariana (Medellín) e na Universidad de La Sabana (Bogotá). Também presta consultoria para diversas instituições de ensino da América Latina.

### Serviço

CONGRESSO INTERNACIONAL PEOPLE NET IN EDUCATION. REALIZAÇÃO DA ABCBRANDING. 25 DE MARÇO. NA UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI. [WWW.CONGRESSOREDESOCIAL.COM.BR](http://WWW.CONGRESSOREDESOCIAL.COM.BR)





### CLIPPING

Veículo: Revista Veja	Editoria: Gustavo Ioschpe	Data: 13/03/2011
Assunto: Universalização da educação infantil: solução ou armadilha?		Página: online

#### Universalização da educação infantil: solução ou armadilha?

"Os ganhos para o país com a eliminação do analfabetismo serão muito maiores do que aqueles oriundos da universalização da pré-escola. Essa é a batalha que temos à nossa frente. Admitir distrações é quase um crime"

Os últimos anos têm visto o florescimento de uma vasta literatura científica, multidisciplinar, que demonstra o incrível poder que os primeiros anos de vida de uma pessoa têm na determinação de uma série de fatores — da saúde à riqueza — de sua idade adulta. À medida que a pesquisa avança, nota-se que a idade para o surgimento de características importantes vai retrocedendo: sabe-se hoje que eventos da vida intrauterina têm impactos que perduram até a morte.

Esse avanço do conhecimento vem embasando uma mudança de políticas públicas, especialmente nos países desenvolvidos, no sentido de intervir cada vez mais cedo, com especial atenção às crianças de famílias mais vulneráveis. O primeiro esforço em muitos países tem sido começar o processo educacional já na pré-escola, atendendo crianças de 4 e 5 anos. O impacto positivo da pré-escola é amparado por literatura científica extensa. Estudos feitos no Brasil demonstram que alunos que cursaram a pré-escola têm desempenho acadêmico melhor do que aqueles que não a cursaram. Essa diferença persiste por todas as séries, e aparece também em exames padronizados como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Alunos que têm melhor desempenho tendem a gostar mais da escola e, portanto, são menos propensos a abandoná-la. Alunos que cursaram a pré-escola têm maior probabilidade de completar o ensino superior. O impacto positivo vai além da vida escolar e se estende à idade adulta. Um estudo feito no Brasil mostra que aqueles que passaram pela pré-escola têm salário 16% mais alto do que alunos que não a cursaram. Estudos americanos demonstram que a frequência à pré-escola aparece associada à diminuição das taxas de criminalidade.

Por todos esses benefícios, vários países, entre eles o Brasil, vêm cursando o caminho da universalização da educação infantil, especialmente na idade da pré-escola — antes dela vem a creche, cujos efeitos educacionais aparentam ser nulos. O Brasil avançou bastante nesse terreno. Aproximadamente 78% das crianças brasileiras estavam na pré-escola em 2009. Usando o critério da Unesco, que permite fazer comparações internacionais, tínhamos 65% de taxa de matrícula, número elevado, comparável ao de vários países líderes em educação.

Há, porém, uma diferença fundamental entre o esforço de universalização da educação infantil no Brasil e nos países desenvolvidos, onde esse movimento se deu depois de satisfeitas todas as necessidades basilares de sua educação escolar. No Brasil ele está sendo usado (e vendido à opinião pública) como a bala mágica para todas as deficiências do sistema educacional, em especial as relacionadas à alfabetização.

A experiência internacional demonstra claramente a falácia desse argumento. Nenhum dos países que deram saltos educacionais importantes nas últimas décadas teve a



17

universalização da pré-escola como conquista anterior a êxitos na alfabetização e no ensino de modo geral. Em 1975, por exemplo, a taxa de matrícula na pré-escola na Finlândia era de 32%, na Noruega, de 13%, na Coreia do Sul, de 3%, e na Inglaterra, de 21%. Mesmo em 1980, quando muitos desses países já começavam a dar importantes sinais da melhoria de sua educação, nenhum deles punha nem metade da população na pré-escola. Na Finlândia, até há pouco o país com o melhor sistema educacional do mundo, a taxa de matrícula na pré-escola ainda em 1990 era de 33%. Vem da China o exemplo mais claro de que a pré-escola é útil, mas não chega a ser condição indispensável de sucesso para o funcionamento do sistema educacional como um todo. Em 2008, a taxa de matrícula de crianças chinesas na pré-escola era de 44%. Um ano depois, a China já liderava mundialmente o exame Pisa, que mede o conhecimento dos jovens aos 15 anos, sem tempo hábil, portanto, para que se verificasse algum benefício da pré-escola nesse fenomenal desempenho.

A expansão da pré-escola vem ganhando força no Brasil também porque os políticos gostam de inaugurar escolas e anunciar a criação de vagas. “Mas, se os efeitos da pré-escola são positivos, que mal há nisso?” O argumento é bom, mas pode ser ruinoso se expandir a pré-escola significar deixar de lado as lutas pela melhoria do ensino fundamental. A realidade mostra que existe esse risco. Em qualquer organização da iniciativa privada, por exemplo, há sempre dezenas de projetos com retorno positivo que podem ser perseguidos, mas as organizações exitosas implementam apenas um número muito pequeno dessas oportunidades. As escolhas precisam ser feitas, por uma questão de estratégia e foco. Nem sempre há tempo e/ou recursos humanos suficientes para fazer tudo — e tudo benfeito. É preciso, então, priorizar aquilo que é mais importante e dá maior retorno. As organizações públicas e educacionais têm as mesmas limitações que qualquer organização humana, mas, no Brasil, acham que podem (e devem) fazer tudo ao mesmo tempo, e que conseguirão fazer tudo bem. É um engano.

Precisamos fugir da armadilha da expansão do ensino para o nível infantil por duas razões. A primeira é conceitual: há mais de dez anos, com a universalização do acesso ao ensino fundamental, nosso problema maior deixou de ser a quantidade (matrículas, vagas ou falta de verbas) para se tornar a qualidade da educação, que se traduz em melhoria da aprendizagem. Mas as reformas que produzem qualidade requerem esforços, brigas com as corporações do ensino, interferência nas universidades, fim do loteamento político de cargos. Enfim, uma série de medidas que são tão importantes para o povo brasileiro quanto desagradáveis para nossos políticos e muitos professores e funcionários escolares incompetentes. Por isso, não conseguimos ainda, como país, fazer essa migração e focar na qualidade. Assim, continuamos aparecendo nas últimas posições de vários indicadores globais de educação. Já há relativamente pouco que se possa fazer, quantitativamente, pelo ensino fundamental. Se, como sociedade, conseguirmos fazer com que nossos líderes se atenham a esse nível e não escapem das batalhas que importam, teremos verdadeiros e importantes avanços. Se, porém, perdermos o foco e deixarmos que as atenções se voltem para a tenra infância (hoje os de 5 anos, daqui a pouco os de 3...), perderemos mais dez ou quinze anos até finalmente descobriremos que, ops!, apesar de todos os progressos na pré-escola, nossos alunos continuam chegando à 4ª série sem saber ler nem escrever.

A segunda razão é objetiva. Temos uma enorme e urgente batalha a travar, quase vergonhosa: precisamos alfabetizar 100% de nossas crianças até a 2ª série. Essa precisa ser uma obsessão, pois sem essas fundações sólidas não há como erguer o



ESTADO DE SANTA CATARINA  
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – site: <http://www.sed.rct-sc.br>  
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO - e-mail: [excom@sed.rct-sc.br](mailto:excom@sed.rct-sc.br); ramais: 6161, 6163;

edifício do conhecimento. O que a experiência internacional mostra é ser perfeitamente viável — aliás, é o normal — alfabetizar crianças que não passaram pela pré-escola, já na 1ª série. Os ganhos para o país com a eliminação do analfabetismo serão muito maiores do que aqueles oriundos da universalização da pré-escola. Essa é a batalha que temos à nossa frente. Admitir distrações é quase cometer crime de guerra.

P.S. — Faltou citar, no artigo do mês passado, uma área importante na qual os pais podem ajudar o desempenho escolar de seu filho, que é o aleitamento materno. Um estudo com alunos de 10 anos de idade que acaba de ser divulgado na Austrália mostra que aqueles que tiveram aleitamento materno por seis ou mais meses apresentavam desempenho acadêmico superior. Esse e os outros estudos mencionados neste artigo estão disponíveis em [twitter.com/gioschpe](https://twitter.com/gioschpe).



### CLIPPING

Veículo: Folha de São Paulo	Editoria: Mercado	Data: 13/03/2011
Assunto: Dobra procura por mestrado profissional		Página: B5

#### Dobra procura por mestrado profissional

Curso de pós com foco maior no mercado de trabalho ganha preferência der empresas e ataria 10 mil estudantes no país

#### Em geral, modalidade tem carga horária maior que especializações e MBAs; número de cursos cresce 150%

FÁBIO TAKAHASHI  
DE SÃO PAULO

O publicitário Gabriel Alvares de Lima, 29, procurava uma pós-graduação em administração para melhorar os procedimentos de sua empresa de consultoria. Pesquisou MBAs, mas achou o conteúdo incompleto. O mestrado convencional era inviável por exigir dedicação integral.

A opção encontrada por Lima foi o mestrado profissional, uma modalidade com cerca de dez anos que tem crescido —o número de programas (cursos) aumentou 150% em cinco anos.

O número de matriculados quase dobrou desde 2005, chegando a mais de 10 mil estudantes, aproximadamente 10% do mestrado no país.

A modalidade é a principal aposta da Capes (órgão do Ministério da Educação responsável pela pós-graduação brasileira) para qualificar a mão de obra, principalmente de profissionais com experiência. E o mercado já começou a absorver a ideia.

A Telefônica, por exemplo, prefere o mestrado profissional ao acadêmico no programa de subsídio para pós-graduandos, devido à maior aplicabilidade do conteúdo e à flexibilidade do horário (as aulas podem ser noturnas).

“É a união que a indústria sempre quis: conhecimento acadêmico e aplicabilidade

profissional”, afirma o supervisor de treinamento e desenvolvimento da Ford, Gilson Filho.

A companhia tem convênio específico na área com o Senai/Cimatec, na Bahia.

#### DIFERENÇAS

O mestrado profissional, em geral, conta com uma carga horária maior que MBAs e especializações. E os cursos são avaliados pelo governo.

Em relação ao mestrado acadêmico, a grande diferença é o foco. No profissional, são abordadas mais questões do mercado de trabalho.

“Cada modalidade tem um público”, diz a vice-diretora acadêmica da Escola de Administração de São Paulo (FGV), Maria José Tonelli.

“Quem quer um primeiro contato com a área pode fazer o MBA. Se a pessoa já tem mais experiência, o mestrado profissional é mais indicado, por ser mais aprofundado.”

As diferenças aparecem também no preço. No Insper, por exemplo, o MBA executi-

vo custa R\$ 57 mil, e o mestrado profissional em administração, R\$ 70 mil.

Para o mercado de trabalho, de uma forma geral, a modalidade de pós-graduação não é o primordial, diz o diretor da Catho Educação, Constantino Cavalheiro.

“A empresa considera mais a reputação da escola e a coerência do curso com o plano de carreira do candidato”, afirma.

Diversas áreas possuem cursos de mestrado profissional. Algumas das quais há mais oferta são administração, engenharia e ensino (ciências e matemática).

#### HISTÓRICO

O formato de mestrado profissional começou a ser discutido nos anos 1990.

“A ideia era organizar a pós, porque estavam surgindo muitos MBAs, sem controle”, diz o pesquisador de ensino superior Oscar Hipólito, que integrou as primeiras comissões da Capes que discutiram a modalidade.

Segundo Hipólito, o mestrado profissional atende hoje um público que estava sem opção e, por isso, não chega a prejudicar as demais modalidades de pós-graduação.

“É uma opção que deve crescer, mas há problemas”, afirmou o coordenador do mestrado profissional em administração do Insper, Danny Claro.

“Houve escolas que abriram cursos ruins, e as empresas passaram a ver como mestrado de segunda. Só há uns cinco anos isso começou a ser recuperado.”

**Quem quer um primeiro contato com a área pode fazer o MBA. Se a pessoa já tem mais experiência, o mestrado profissional é mais indicado, por ser mais aprofundado**

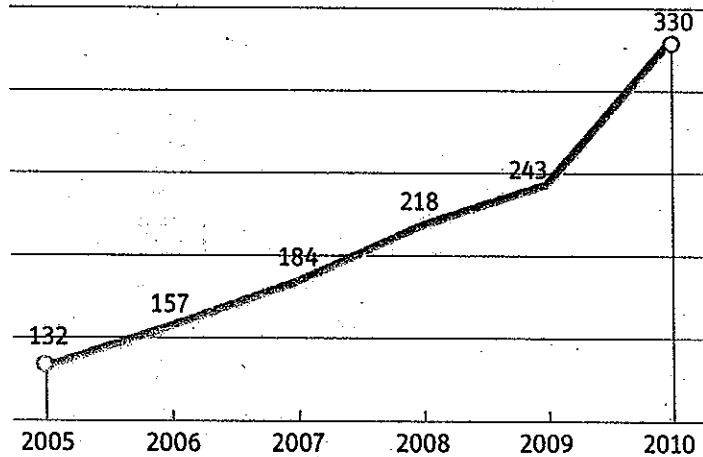
MARIA JOSÉ TONELLI  
vice-diretora acadêmica da Escola de Administração de São Paulo (Fundação Getúlio Vargas)



### MESTRADOS PROFISSIONAIS

Cresce o número de programas oferecidos no país

Evolução dos cursos da modalidade, ano a ano



**150%**  
é o crescimento de programas em mestrado profissional desde 2005



**40%**  
é o crescimento de programas em mestrados acadêmicos no período, chegando a 1.156

#### AS DIFERENÇAS ENTRE AS PÓS-GRADUAÇÕES



##### Mestrado acadêmico



##### Mestrado profissional



##### MBA/especialização

Principal característica

Voltado para quem pretende seguir carreira em pesquisa

Voltado para quem busca aperfeiçoamento no mercado de trabalho

Voltado para quem busca aperfeiçoamento no mercado de trabalho

Público principal

Jovens cientistas

Profissionais com experiência, que buscam aprofundamento em sua área

Profissional que busca ter um primeiro contato com uma área pouco conhecida

Reconhecimento

Reconhecido pelo MEC

Reconhecido pelo MEC

Não reconhecido pelo MEC

#### Áreas com mais programas de mestrado profissional\*

Interdisciplinar	48
Ensino de ciências e matemática	28
Administração, ciências contábeis e turismo	26
Engenharia (área de produção)	20
Odontologia	18

#### Instituições com mais programas de mestrado profissional em SP\*

Universidade Federal de SP	4
Instituto de Pesquisas Tecnológicas	4
Unicamp	3
FGV	3
Uniban	3

\*Dados referentes a 2009, últimos disponíveis  
Fontes: Capes/Ministério da Educação e especialistas



### CLIPPING

Veículo: Folha de São Paulo	Editoria: Mercado	Data: 13/03/2011
Assunto: 'Escolas viram um nicho', diz presidente da Capes		Página: B8

#### 'Escolas viram um nicho', diz presidente da Capes

Metade dos mestrados profissionais é privada, contra 20% nos acadêmicos

**Jorge Guimarães diz, porém, que ainda existe uma grande resistência no meio acadêmico a esse tipo de curso**

DE SÃO PAULO

O presidente da Capes (fundação do Ministério da Educação responsável pela pós-graduação), Jorge Guimarães, espera crescimento maior do mestrado profissional, considerando que há segmentos que precisam aperfeiçoar os profissionais.

Para funcionar, o curso precisa ser aprovado pelo órgão. A avaliação dos programas pode ser vista no site [www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br). (F7)

★

**Folha - Como o sr. avalia o mestrado profissional?**

**Jorge Guimarães** - Cresceu bem, mas menos que a gente queria. Vários segmentos no país precisam de melhoria na formação de seus profissionais, como em gestão, serviços, tecnologia e educação.

**Quais as principais diferenças de um mestrado acadêmico para o profissional?**

No profissional, o mestrando vem resolver um problema da indústria, trabalhar a perspectiva de montar um negócio ou é um profissional que precisa de upgrade na formação. O acadêmico é para o jovem cientista que seguirá na pesquisa.

No acadêmico, é preciso fazer uma dissertação no final. No profissional, pode ser a criação de um produto ou de uma nova planilha para gerenciar estoque de um supermercado. É mais focado.

**Há problemas?**

Há resistência no meio acadêmico. Em direito, não há nenhum programa. Já mudamos três vezes a comissão que avalia os cursos e as propostas não passam.

As exigências se focam muito em fatores estritamente acadêmicos.

**O mestrado profissional é uma forma de ajudar as instituições de ensino?**

Ele atende um perfil de aluno que provavelmente não iria para o acadêmico. Tanto é verdade que, no acadêmico, 20% dos programas são privados; no profissional, 50%. As escolas viram um nicho de oportunidade.

**No acadêmico, é preciso fazer uma dissertação no final. No profissional, pode ser a criação de um produto ou de uma nova planilha para gerenciar estoque de um supermercado. É mais focado.**

**JORGE GUIMARÃES**  
presidente da Capes



### CLIPPING

Veículo: Folha de São Paulo	Editoria: Mercado	Data: 13/03/2011
Assunto: Como qualquer mercadoria, títulos visam cargos e salários		Página: B8

#### Como qualquer mercadoria, títulos visam cargos e salários

**HÉLIO SCHWARTSMAN**  
ARTICULISTA DA FOLHA

A diversificação de “produtos” de pós-graduação é uma consequência esperada do movimento que está transformando a educação numa mercadoria mais ou menos como outra qualquer.

O problema é que essa transformação ainda não está completa, e nossos cérebros ficam divididos entre dois registros por vezes antagônicos: o pedagógico e o mercadológico.

Pelo primeiro, a educação é um valor em si mesma. Nós estudamos para aprender — e não por razões instrumentais. Aqui, as avaliações deveriam ser feitas exclusivamente com base nos conhecimentos do examinando.

Já pelo paradigma mercadístico, a educação é um meio para obter os melhores cargos e mais renda.

Como na prática é impossível que empregadores avaliem objetivamente as competências de cada candidato que bate a sua porta, eles acabam ficando com a segunda melhor opção disponível, que são os títulos acadêmicos do aspirante, os quais passam, assim, a ter valor de mercado.

É justamente do choque entre os dois planos que surge o espaço para o mestrado profissional. A pós acadêmica tem o “defeito” de ser acadêmica demais. Dos temas pouco práticos à rebuscada liturgia das universidades, essa modalidade não responde aos anseios da parte do público mais afeita ao registro mercadológico.

Os MBAs, por outro lado, padecem do fato de estar muito alinhados com os anseios do mercado. São rápidos e respondem a demandas de quem está no mundo real — e não na academia.

Mas, justa ou injustamente, os MBAs ganharam reputação de pouco rigorosos. Desde que a anuidade seja paga pontualmente, o aluno sempre obtém o certificado. Resultado: é mais um cliente satisfeito.

O mestrado profissional pretende reunir o melhor desses dois mundos. Aparentemente, há espaço para isso. Se vai ou não dar certo, é uma outra questão.

Às vezes, a divisão de nossos cérebros em módulos produz paradoxos, como rejeitar coisas em princípio equivalentes devido a diferenças na forma como são apresentadas.

Se o sujeito oferece R\$ 200 à própria mulher por uma ardente noite de amor, dá justa causa para o divórcio.

Mas, curiosamente, se ele regalá-la com um jantar que custe o dobro para obter o mesmo objetivo, estará apenas sendo romântico.

Foi só recentemente que a psicologia cognitiva e a economia comportamental começaram a levantar as evidências de quão pouco à vontade nossos cérebros (forjados para uma sociedade de caçadores-coletores) ainda ficam com a economia de mercado.



**CLIPPING**

Veículo: Revista Isto É	Editoria: Editorial	Data: 13/03/2011
Assunto: “ Riqueza versus educação”		Página: online

**"RIQUEZA VERSUS EDUCAÇÃO"**

Dois indicadores divulgados na semana passada mostram situações diametralmente opostas de um Brasil ainda repleto de contrastes. O País que teve 30 bilionários nativos incluídos na lista dos homens mais ricos do planeta – pessoas com mais de US\$ 1 bilhão de patrimônio pessoal – é o mesmo que não conseguiu incluir sequer uma única universidade entre as 100 mais bem avaliadas por acadêmicos de todo o mundo. E o que é pior: o Brasil aparece na condição de único entre os chamados emergentes sem universidades tidas como “top” no ranking da Times Higher Education – que traz Harvard figurando como a melhor dentre elas. Esse paradoxo reforça ainda mais a surrada imagem da “Belíndia” – expressão cunhada décadas atrás pelo ex-presidente do IBGE Edmar Bacha para explicar que o abismo social no Brasil levava o País a se parecer com uma pequena ilha de exuberância econômica do porte da Bélgica cercada pela pobreza da Índia por todos os lados. Lamentavelmente, a imagem ainda vale nos dias de hoje. Um aspecto a destacar nesse quadro de disparidades é que o investimento em educação por parte dos bilionários ocorre com frequência nos chamados países desenvolvidos, enquanto por aqui é pouco ou nada usual. Bilionários têm papel vital na sociedade em várias partes do mundo e costumam premiar resultados educacionais, um exemplo que deveria ser seguido internamente. De uma maneira ou de outra – seja pela falta de incentivo de nossos governantes, seja pelo baixo engajamento da iniciativa privada –, o fato é que falta preparo na base de nossa economia, na formação de mão de obra qualificada, e essa realidade reforça a concentração de riqueza e inibe o surgimento de novos empreendedores e de pessoas capacitadas a usufruir do atual momento da arrancada brasileira. O nó da educação nacional é histórico, secular, mas alcançou um ponto crítico. De tal maneira que o Brasil está atualmente entre as dez nações mais ricas do mundo, enquanto, em relação a investimentos em educação, alcançou apenas a 73ª posição. Nos números do PIB, uma pista para entender as razões do problema: embora na média global o investimento em educação gire na casa de 10% do Produto Interno Bruto, a média brasileira não passa de mirrados 3% a 4% do PIB. Esse descaso está custando caro.